

ENTRE HUMANOS E MÁQUINAS: DISCURSOS E NARRATIVAS PRODUZIDOS PELA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Marisa Cleff

Ariadne da Cruz Soares

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Resumo

As transformações tecnológicas das últimas décadas tornaram a Inteligência Artificial (IA) um dos principais agentes discursivos do nosso tempo. Modelos generativos, como assistentes de escrita, chatbots e sintetizadores de voz, produzem textos, respostas e narrativas que simulam autoria humana, desafiando fronteiras entre linguagem, sujeito e tecnologia. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a produção de discursos e narrativas por sistemas de IA, problematizando os modos como essas tecnologias constroem sentidos e instauram novas formas de interação linguística e cultural. Fundamenta-se em aportes dos estudos discursivos e da Linguística Aplicada crítica (Fairclough, 2003; Pennycook, 2018; Moita Lopes, 2006), articulados às discussões sobre linguagem e técnica (Floridi, 2015) e às análises contemporâneas da cultura algorítmica (Han, 2022; Santaella, 2020), que problematizam os modos de produção de sentidos mediados por código e cálculo. A metodologia é de caráter teórico-analítico, pautada em revisão bibliográfica e na observação de discursos gerados por IA em diferentes mídias digitais, com foco em interações que simulam conversas humanas e na emergência de textos híbridos, que mesclam escrita humana e automatizada. As reflexões indicam que a IA não apenas reproduz padrões linguísticos, mas também cria efeitos de sentido e de subjetividade, instaurando vozes que, embora artificiais, participam da construção simbólica contemporânea. Essa produção discursiva automatizada tensiona noções tradicionais de autoria, intencionalidade e responsabilidade, exigindo novas formas de leitura crítica e ética das textualidades digitais. Defende-se que compreender a IA como produtora de discurso exige leitura crítica capaz de analisar e ressignificar sentidos emergentes entre humanos e máquinas contemporâneas.

Palavras-Chave: Linguagem; Discurso; Inteligência artificial; Cultura digital; Autoria.

BETWEEN HUMANS AND MACHINES: DISCOURSES AND NARRATIVES PRODUCED BY ARTIFICIAL INTELLIGENCE

Abstract

The technological transformations of recent decades have made Artificial Intelligence (AI) one of the main discursive agents of our time. Generative models, such as writing assistants, chatbots, and voice synthesizers, produce texts, responses, and narratives that simulate human authorship, challenging the boundaries between language, subject,

and technology. This study aims to reflect on the production of discourses and narratives by AI systems, problematizing the ways in which these technologies construct meaning and establish new forms of linguistic and cultural interaction. It is grounded in contributions from discourse studies and Critical Applied Linguistics (Fairclough, 2003; Pennycook, 2018; Moita Lopes, 2006), articulated with discussions on language and technique (Floridi, 2015) and contemporary analyses of algorithmic culture (Han, 2022; Santaella, 2020), which problematize modes of meaning production mediated by code and calculation. The methodology is theoretical-analytical in nature, based on a literature review and on the observation of AI-generated discourses across different digital media, with a focus on interactions that simulate human conversations and on the emergence of hybrid texts that combine human and automated writing. The reflections indicate that AI not only reproduces linguistic patterns but also creates effects of meaning and subjectivity, establishing voices that, although artificial, actively participate in contemporary symbolic construction. This automated discursive production challenges traditional notions of authorship, intentionality, and responsibility, requiring new forms of critical and ethical reading of digital textualities. It is argued that understanding AI as a producer of discourse demands a critical approach capable of analyzing and re-signifying the meanings that emerge between humans and contemporary machines.

Keywords: Language; Discourse; Artificial intelligence; Digital culture; Authorship.

ENTRE HUMANOS Y MÁQUINAS: DISCURSOS Y NARRATIVAS PRODUCIDOS POR LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL

Resumen

Las transformaciones tecnológicas de las últimas décadas han convertido a la Inteligencia Artificial (IA) en uno de los principales agentes discursivos de nuestro tiempo. Los modelos generativos, como los asistentes de escritura, los chatbots y los sintetizadores de voz, producen textos, respuestas y narrativas que simulan la autoría humana, desafiando las fronteras entre lenguaje, sujeto y tecnología. Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la producción de discursos y narrativas por sistemas de IA, problematizando los modos en que estas tecnologías construyen sentidos e instauran nuevas formas de interacción lingüística y cultural. Se fundamenta en aportes de los estudios discursivos y de la Lingüística Aplicada crítica (Fairclough, 2003; Pennycook, 2018; Moita Lopes, 2006), articulados con las discusiones sobre lenguaje y técnica (Floridi, 2015) y con los análisis contemporáneos de la cultura algorítmica (Han, 2022; Santaella, 2020), que problematizan los modos de producción de sentidos mediados por código y cálculo. La metodología es de carácter teórico-analítico, basada en una revisión bibliográfica y en la observación de discursos generados por IA en diferentes medios digitales, con foco en interacciones que simulan conversaciones humanas y en la emergencia de textos híbridos, que combinan escritura humana y automatizada. Las reflexiones indican que la IA no solo reproduce patrones lingüísticos, sino que también crea efectos de sentido y de subjetividad, instaurando voces que, aunque artificiales, participan en la construcción simbólica contemporánea. Esta producción discursiva automatizada tensiona nociones tradicionales de autoría, intencionalidad y responsabilidad, exigiendo nuevas formas de lectura crítica y ética de las textualidades digitales. Se sostiene que comprender la IA como productora de

discurso exige una lectura crítica capaz de analizar y resignificar los sentidos emergentes entre humanos y máquinas contemporáneas.

Palabras-clave: *Lenguaje; Discurso; Inteligencia artificial; Cultura digital; Autoría.*

INTRODUÇÃO

A intensificação do uso de sistemas de Inteligência Artificial (IA) na vida social contemporânea inscreve-se em um cenário mais amplo de reorganização das práticas discursivas mediadas por tecnologias digitais. Tal cenário não pode ser compreendido como mero avanço técnico, mas como parte constitutiva de transformações profundas nos modos de produção de sentidos, nas formas de interação social e na própria constituição das subjetividades. Conforme argumenta Floridi (2002, p. 127), “as mais desenvolvidas sociedades pós-industriais vivem [alimentadas] por informação”, o que evidencia o papel central das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na reorganização das experiências sociais, culturais e linguísticas.

Diante desse quadro, este trabalho propõe refletir sobre a produção de discursos e narrativas por sistemas de IA, problematizando os modos como essas tecnologias constroem sentidos e instauram novas formas de interação linguística e cultural.

1. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, LINGUAGEM E DISCURSO NA CULTURA DIGITAL

Ao articular os aportes dos estudos discursivos, da Linguística Aplicada crítica e das reflexões sobre linguagem e técnica, busca-se compreender como os discursos algorítmicos participam da reconfiguração das práticas sociais e dos processos de subjetivação na cultura digital contemporânea.

Nesse contexto, Floridi (2014, p. 3) propõe a noção de *hiperhistória* para caracterizar uma era marcada pela dependência estrutural dos sujeitos em relação às tecnologias informacionais, afirmando que os termos pré-história, história e hiperhistória “nos dizem como as pessoas vivem, e não quando ou onde elas vivem”. Tal perspectiva permite compreender que os discursos produzidos por sistemas de IA não emergem como elementos externos à vida social, mas como práticas inscritas na *infosfera*, espaço em que humanos e máquinas passam a compartilhar processos de significação e

mediação simbólica. Em um contexto marcado pela intensificação do uso de plataformas digitais e sistemas algorítmicos, a linguagem passa a ser operada, organizada e redistribuída por dispositivos técnicos que não apenas veiculam discursos, mas também os produzem, selecionam e hierarquizam.

A Inteligência Artificial, especialmente em sua vertente generativa, assume um papel relevante ao atuar diretamente sobre a linguagem. Sistemas capazes de gerar textos, respostas e narrativas simulam práticas discursivas humanas e instauram novas condições de produção discursiva. Tal fenômeno exige uma abordagem crítica que compreenda o discurso como prática social. Fairclough (2003, p. 8) sustenta que os textos, enquanto elementos de eventos sociais, “causam mudanças em nosso conhecimento, em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores”, além de contribuírem para transformações de longa duração nas identidades e nas relações sociais. Dessa forma, discursos produzidos por IA não podem ser tratados como neutros ou meramente técnicos, mas como práticas discursivas situadas, atravessadas por relações de poder, ideologia e historicidade.

A partir da perspectiva da Linguística Aplicada crítica, Moita Lopes (2006) destaca que as tecnologias digitais não são apropriadas apenas por grandes corporações e instituições, mas também pelos sujeitos, que podem utilizá-las para reinventar práticas sociais e produzir formas alternativas de ação política e discursiva. Essa ambivalência política da tecnologia evidencia que os discursos mediados por IA operam em um campo de disputas simbólicas, no qual se articulam possibilidades de controle, mas também de resistência e ressignificação. Assim, analisar a produção discursiva automatizada implica compreender os usos sociais da linguagem em contextos marcados por desigualdades, interesses econômicos e disputas ideológicas.

Tal abordagem permite deslocar a análise da IA de uma lógica determinista para uma perspectiva que considera os conflitos, disputas e possibilidades éticas implicadas nos usos da tecnologia. Entretanto, a mediação algorítmica das interações sociais tem produzido efeitos significativos na circulação dos discursos. Santaella (2018, p. 17) alerta que a personalização dos filtros algorítmicos “apresenta tendenciosidades que afetam significativamente o acesso à informação”, estreitando a exposição a ideias divergentes e intensificando processos de homofilia discursiva.

Nesse sentido, os discursos gerados por IA não apenas refletem preferências pré-existentes, mas contribuem para a consolidação de bolhas informacionais que limitam o confronto de perspectivas e a alteridade. Essa dinâmica é radicalizada no que

Byung-Chul Han denomina *dataísmo*, regime no qual “o homem não é mais soberano de si mesmo, mas resultado de uma operação algorítmica que o domina sem que ele perceba” (HAN, 2018, apud GELI, 2018). Para Han (2022), a dominação contemporânea se articula por meio da informação e de seu entrelaçamento com o capitalismo de vigilância, modulando comportamentos, afetos e formas de subjetivação. Assim, os discursos produzidos por IA devem ser analisados como parte de uma racionalidade computacional e mercadológica que reorganiza os modos de dizer, interpretar e agir.

2. DISCURSOS ALGORÍTMICOS E CURADORIA DIGITAL EM PLATAFORMAS DE MÍDIA

A popularização de plataformas de mídia digital e seus algoritmos de Inteligência Artificial tem provocado transformações profundas nas formas de produção discursiva e nas dinâmicas de interação social contemporâneas. Diante desse quadro, este trabalho propõe refletir sobre a produção de discursos e narrativas por sistemas de IA em plataformas como o Instagram, problematizando os modos como essas tecnologias constroem sentidos e instauram novas formas de interação linguística e cultural.

A presente análise fundamenta-se no estudo desenvolvido por Hissa e Gomes (2024), que investigou a dinâmica discursiva da IA no Instagram através da análise de 120 frames multissemióticos de contas pessoais e profissionais. Os autores identificam que a discursividade digital está pautada por noções-chave que organizam sistemas não apenas de informação e comunicação, mas também de controle e vigilância. Neste contexto, a noção de retroação (*feedback*) revela-se central para a compreensão do funcionamento da IA e dos algoritmos de plataformas digitais, evidenciando a performatividade da interação como fator central na mineração de dados pelos algoritmos e na organização discursiva das estruturas dissipativas no campo digital. A pesquisa realizou análise comparativa das formações discursivas de 120 frames multissemióticos selecionados do feed da ferramenta Explorar de seis contas diferentes do Instagram. As contas foram separadas em dois grupos: contas pessoais (três contas de estudantes da mesma faixa etária, 20 a 23 anos, do mesmo curso de graduação e universidade) e contas profissionais (três contas de setores da mesma universidade: revista acadêmica, grupo de pesquisa e projeto de extensão).

A coleta foi realizada no dia 1º de maio de 2024 (Dia Internacional do Trabalho), entre 9h e 10h da manhã, rendendo um total de 120 prints de frames (20 prints sequenciais de cada uma das seis contas) disponibilizados no feed de conteúdos sugeridos pela curadoria algorítmica. Toda a coleta foi feita no feed da ferramenta Explorar do Instagram, espaço virtual onde todas as postagens são reguladas pela curadoria algorítmica. Os frames foram analisados a partir de quatro categorias: continuidade temática, articulação tópica, segmentação individualizada e progressão enunciativa.

A análise da pesquisa de Hissa e Gomes (2024) oferece contribuições fundamentais para a compreensão de como os discursos algorítmicos participam da reconfiguração das práticas sociais e dos processos de subjetivação na cultura digital contemporânea. Ao otimizar processos sociais numa lógica industrial, a IA e seus algoritmos proclamam o potencial de transformar diversos setores da sociedade. A curadoria algorítmica traz, contudo, questões de ordem linguístico-semiótica e política que exigem olhar atento, tendo em vista que os comportamentos datificados e processados não só permitem ser recenseados e ranqueados, como modulam os usuários numa lógica de consumo específica.

Nas entradas e saídas, nos *inputs* e *outputs*, no *feedback*, na retroação, na subversão da performatividade, se estabelece o funcionamento dos frames, das multissemyoses mobilizadas na formação de um quadro de predileções, gostos e interesses a enformar, qual interdiscurso, a produção discursiva e a construção de subjetividades nas mídias sociais. A pesquisa constatou que a hiperpersonalização e a retroação constroem resultados e oferecem produtos com base em dados de navegação ou no histórico de interações dos usuários/consumidores, e que a curadoria algorítmica processa dados, ranqueia as preferências dos usuários, forma mercados de interesses e instaura uma comodificação da interação.

A consequência é que esta modulação da predileção, da preferência, do que pode vir a interessar, atua de forma direta nos processos de territorialização e individualização (ou hiperpersonalização) promovidos pelo capitalismo em sua fase digital, cognitiva e informacional. Neles, encontra-se a marca patente de uma nova economia baseada em dados, em que o surgimento da IA.

3. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PRODUÇÃO TEXTUAL NO CONTEXTO ACADÊMICO

Ao articular os aportes dos estudos discursivos, da Linguística Aplicada crítica e das reflexões sobre linguagem e técnica, busca-se compreender como os discursos algorítmicos participam da reconfiguração das práticas sociais e dos processos de subjetivação na cultura digital contemporânea. A presente análise baseia-se no estudo desenvolvido por Catelão (2024), que investigou comparativamente resumos acadêmicos produzidos por estudantes universitários e textos gerados pelo ChatGPT. O objetivo foi examinar como essa pesquisa contribui para a compreensão dos discursos algorítmicos e suas implicações nas práticas discursivas contemporâneas.

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de base descritiva e interpretativa, com caráter documental. O corpus compreendeu 34 resumos produzidos por universitários de uma instituição pública brasileira em 2023, divididos em duas turmas com diferentes condições de produção: a Turma A produziu 16 resumos escritos à mão em materiais físicos, enquanto a Turma B entregou 18 resumos digitalmente via ambiente virtual de aprendizagem (Moodle). Adicionalmente, foram gerados quatro resumos utilizando o ChatGPT.

A análise revelou diferenças significativas entre as duas modalidades de produção humana. O resumo manuscrito (229 palavras) apresentou estrutura linear e coerente, organizado em parágrafo único que seguia o plano de texto trabalhado em sala de aula: introdução com tema, objetivo e contextualização; desenvolvimento com distinção entre plágio e fraude; e conclusão com causas e propostas de solução.

Quanto aos elementos de textualização, o texto manuscrito demonstrou clara delimitação do tópico central (plágio e fraude nas humanidades) e subtópicos. A referência ao autor do texto-fonte foi realizada de forma variada ("Domingues", "o filósofo", "Ivan"), mantendo coesão e clareza sobre a responsabilidade enunciativa. Os verbos empregados ("pretende conscientizar", "aborda", "diferencia", "aponta", "sugere", "argumenta") indicaram esforço em construir argumento lógico fundamentado, evidenciando orientação argumentativa clara.

O resumo digital (189 palavras), por sua vez, apresentou estrutura em três parágrafos, seguindo aparentemente o plano de texto do artigo-fonte, mas com organização predominantemente descritiva. O primeiro parágrafo introduziu o tema e

suas especificidades; o segundo trouxe exemplos de casos emblemáticos; e o terceiro enfatizou diretrizes e sanções. Observou-se uso de verbos mais generalizado ("discute", "ressalta", "aborda", "menciona", "argumenta", "ênfatiza", "destaca"), sem distinção clara entre elementos introdutórios e conclusivos do plano textual.

Uma diferença crucial reside na explicitação de elementos do gênero: o resumo manuscrito indicou explicitamente o gênero do texto-fonte ("artigo de divulgação científica") e seu objetivo, enquanto o resumo digital manteve-se mais genérico, aproximando-se de uma descrição sumarizada sem contextualização metadiscursiva adequada.

A análise do estudo de Catelão (2024) sobre a produção textual comparada entre humanos e IA oferece contribuições significativas para a compreensão dos discursos algorítmicos e sua participação na reconfiguração das práticas sociais e processos de subjetivação na cultura digital contemporânea. A pesquisa demonstra que, embora os sistemas de IA apresentem notável capacidade de reproduzir estruturas linguísticas e padrões textuais, ainda revelam limitações importantes na apreensão de dimensões pragmáticas, enunciativas e contextuais que caracterizam a produção discursiva situada.

Os resultados evidenciam que a distinção entre produções humanas e algorítmicas não se situa primariamente no nível da correção gramatical ou da presença de elementos estruturais dos gêneros, mas em marcas mais sutis relacionadas à contextualização, explicitação de propósitos comunicativos e indícios de compreensão do texto como prática social historicamente situada. O resumo manuscrito destacou-se pela capacidade de explicitar elementos metadiscursivos e organizar o texto considerando o interlocutor, enquanto a produção algorítmica tendeu a uma sumarização mais mecânica, sem plena consciência do gênero como evento comunicativo contextualizado.

Na sequência, apresentamos o resumo analítico do artigo. Na *interação com o ChatGPT: uma conversa sobre letramentos acadêmicos*. O artigo investiga criticamente o uso de inteligências artificiais generativas, em especial o ChatGPT, no planejamento e na produção de textos acadêmico-científicos, tomando como eixo teórico o campo dos letramentos acadêmicos em sua perspectiva ideológica. Os autores partem da constatação de que as GenAI têm se tornado práticas recorrentes no cotidiano universitário, o que exige reflexão sistemática sobre autoria, ética e subjetividade na escrita acadêmica (Souza-Silva; Pereira, 2024).

O estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter teórico-descritivo e exploratório, alinhada à Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021). Metodologicamente, os pesquisadores assumem a posição de pesquisadores-usuários, explorando o ChatGPT por meio de um inventário estruturado de perguntas sobre o termo-conceito *letramentos acadêmicos*. As respostas geradas pela IA constituem o corpus da pesquisa e são analisadas de forma comparativa com o referencial teórico mobilizado, sobretudo Street (2010; 2014 [1995]), Lea e Street (2006), Buzato (2023) e Silva (2016) (Souza-Silva; Pereira, 2024).

Os resultados evidenciam que o ChatGPT apresenta definições conceitualmente próximas da literatura especializada, mas marcadas por generalizações, redundâncias e deslocamentos teóricos, como a tendência a um modelo autônomo de letramento e a atribuição imprecisa de autorias. Tais limitações revelam que a IA pode funcionar como ponto inicial de consulta, mas não substitui a mediação crítica do sujeito escritor.

Nas considerações finais, os autores defendem que o uso produtivo das GenAI na universidade requer o desenvolvimento de gestos críticos de leitura e escrita, bem como a preservação da autonomia autoral. O ChatGPT é compreendido como um recurso mediador, e não como instância produtora legítima de conhecimento acadêmico, reforçando a necessidade de práticas éticas e responsáveis no contexto da cultura digital contemporânea (Souza-Silva; Pereira, 2024). Tal constatação converge diretamente com a perspectiva de Fairclough (2003), para quem os discursos constituem práticas sociais capazes de produzir e naturalizar determinados regimes de sentido, ao mesmo tempo em que ocultam relações de poder e ideologia. Nesse sentido, as respostas do ChatGPT analisadas pelos autores operam como textos que, embora aparentem alinhamento a discursos críticos, tendem a reproduzir versões domesticadas e despolitizadas de conceitos centrais dos letramentos acadêmicos.

Essa tensão entre crítica e neutralização também pode ser compreendida à luz das reflexões de Pennycook (2018), que concebe a linguagem como prática situada e inseparável das condições materiais, históricas e políticas de sua produção. Ao deslocar conceitos complexos para formulações genéricas, a IA reforça uma lógica de circulação acelerada do discurso, esvaziando seu potencial crítico e transformando o conhecimento em conteúdo facilmente consumível. Tal processo evidencia que os discursos algorítmicos operam segundo uma racionalidade própria, orientada mais pela previsibilidade estatística do que pelo engajamento ético ou político.

4. AUTORIA, IDEOLOGIA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA ERA ALGORÍTMICA

Corroborando ao debate apresentamos a síntese analítico-crítica do artigo *Algoritmos e sistemas de inteligência artificial e(m) processos de produção de sentidos*. O artigo de Hashiguti e Costa (2024) propõe uma reflexão crítica aprofundada sobre os algoritmos e sistemas de inteligência artificial como condições contemporâneas de produção de sentidos, ancorando-se nos pressupostos dos estudos discursivos de orientação materialista e nos diálogos com a Linguística Aplicada crítica. As autoras partem da concepção bakhtiniana de que os sentidos são produzidos no encontro entre vozes, ideologias e condições históricas, e tensionam essa noção ao analisar a emergência de sistemas algorítmicos que simulam práticas enunciativas humanas.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho assume um caráter teórico-analítico, articulando revisão crítica de literatura nacional e internacional com experimentos exploratórios realizados a partir da interação com sistemas de IA generativa, como o ChatGPT e o DALL-E. Esses experimentos consistem na formulação de comandos (prompts) e na análise discursiva dos textos e imagens gerados, observando regularidades, apagamentos e repetições ideológicas nos produtos algorítmicos. Tal abordagem permite às autoras evidenciar que, embora as IAs operem por meio de cálculos estatísticos e probabilísticos, seus resultados discursivos produzem efeitos simbólicos e sociais comparáveis aos textos humanos.

Os resultados da análise indicam que os sistemas de IA não produzem sentidos no mesmo regime da linguagem humana, uma vez que não operam com memória discursiva, ética ou responsividade. Ainda assim, esses sistemas reproduzem e reforçam discursos dominantes, uma vez que são treinados com dados historicamente situados e atravessados por ideologias coloniais, racistas, sexistas e capitalistas. As autoras demonstram que imagens e textos gerados por IA reiteram modelos hegemônicos de família, gênero e raça, revelando a permanência de uma racionalidade eurocêntrica e patriarcal nos bancos de dados e nos algoritmos.

No campo educacional e linguístico, o artigo problematiza as implicações do uso crescente de sistemas de IA em práticas de leitura, escrita e produção acadêmica. Hashiguti e Costa argumentam que tais tecnologias tensionam noções tradicionais de autoria, responsabilidade e ética discursiva, uma vez que produzem simulacros de autoria sem sujeito, sustentados por padrões repetitivos e parafrásticos. Nesse sentido,

dialogam criticamente com pesquisas que apontam para a impossibilidade de a IA ocupar a posição de autor, reforçando a necessidade de uma formação crítica para o uso dessas ferramentas.

Nas considerações finais, as autoras defendem que os estudos da linguagem ocupam um papel central na compreensão dos impactos sociais, políticos e simbólicos da inteligência artificial. Sustentam que é urgente incorporar epistemologias decoloniais, ancestrais e contra-hegemônicas tanto na pesquisa quanto no desenvolvimento tecnológico, de modo a tensionar os regimes de verdade que sustentam os algoritmos contemporâneos. O artigo conclui que compreender a IA como parte do jogo social da linguagem implica assumir uma postura crítica diante de seus usos, recusando visões tecnossolucionistas e reafirmando a linguagem como espaço de disputa, resistência e produção de humanidade.

Na sequência, O artigo “Inteligência Artificial e Construção da Autoria: disputas discursivas na era algorítmica” investiga criticamente os impactos da inteligência artificial generativa sobre as noções de autoria, originalidade e produção de sentidos, situando o debate no interior das transformações discursivas e culturais da contemporaneidade. As autoras partem da perspectiva bakhtiniana de linguagem como espaço de alteridade, dialogismo e responsabilidade ética, afirmando que toda produção discursiva é atravessada por vozes sociais e condições históricas específicas. Nesse quadro, a IA não é compreendida como sujeito autoral, mas como artefato técnico-discursivo que reorganiza os regimes de circulação, recepção e legitimação dos discursos, tensionando profundamente a concepção moderna de autoria.

O estudo problematiza o deslocamento da autoria individual para formas de coautoria mediada por algoritmos, destacando que os sistemas de IA operam a partir de padrões preditivos e estatísticos, sem intencionalidade ética, experiência vivida ou responsabilidade enunciativa. Tal funcionamento gera uma autoria espectral, marcada pela aparência de criatividade, mas destituída de páthos e historicidade. O corpus foi constituído por produções textuais e imagéticas geradas a partir de prompts específicos, selecionadas segundo critérios de relevância temática, diversidade de gêneros discursivos e potencial analítico para discutir categorias como dialogicidade, polifonia e responsividade. Nas considerações finais, o artigo reafirma que a inteligência artificial generativa não elimina a subjetividade humana, mas desloca o campo de tensões em que a autoria se constitui. A linguagem, entendida como prática social e histórica, não

pode ser reduzida a cálculos estatísticos sem perda de densidade ética, estética e política.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso reflexivo e analítico traçado neste trabalho permite reafirmar que a Inteligência Artificial, longe de ser uma ferramenta neutra de processamento de dados, consolidou-se como um agente discursivo central na "hiperhistória" descrita por Floridi (2014). As análises realizadas evidenciam que a interação entre humanos e máquinas na infosfera contemporânea não se resume a uma troca de informações, mas configura um complexo sistema de produção de sentidos que tensiona as fronteiras da autoria, da subjetividade e da ética.

A articulação entre as diferentes pesquisas analisadas revela um cenário paradoxal. Por um lado, conforme demonstrado no estudo de Hissa e Gomes (2024) sobre o Instagram, os algoritmos operam sob a lógica da vigilância e da retroação, modulando comportamentos e commodificando a interação. Isso confirma os alertas de Han (2022) e Santaella (2020) sobre o dataísmo e a formação de bolhas informacionais que estreitam a alteridade. Por outro lado, as análises de Catelão (2024) e Souza-Silva e Pereira (2024) expõem os limites dessa produção automatizada: embora a IA generativa demonstre alta competência sintática e estrutural — mimetizando gêneros acadêmicos com precisão aparente —, ela produz o que se pode chamar de uma "autoria espectral". Falta-lhe a consciência pragmática, a responsabilidade ética e a historicidade que, segundo Fairclough (2003), constituem o discurso como prática social situada.

Portanto, a "voz" da máquina, embora onipresente, ecoa sem corpo e sem memória vivida. Ao compararmos a escrita humana à artificial, notamos que a tecnologia preenche formas, mas esvazia sentidos contextuais, operando deslocamentos teóricos e generalizações que, se não mediados criticamente, podem empobrecer a construção do conhecimento.

Diante desse quadro, a perspectiva da Linguística Aplicada crítica (Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2018) torna-se imperativa. Não se trata de negar a tecnologia, mas de compreender que os discursos gerados por IA reproduzem ideologias hegemônicas presentes em seus dados de treinamento. A conclusão que se impõe é a necessidade urgente de novos letramentos digitais críticos. É preciso que o sujeito

contemporâneo deixe de ser apenas um "usuário" passivo da curadoria algorítmica para se tornar um leitor capaz de identificar as marcas dessa enunciação artificial, reivindicando para si a responsabilidade ética e a autonomia interpretativa que nenhuma operação de cálculo pode simular.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. A. **Sociedade em rede – a era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CATELÃO, E. M. Explorando a capacidade de produção textual e sentidos entre humanos e IA: estudo comparativo de resumos acadêmicos. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 18, e1835, 2024.

CONTE, Elaine; DEVECHI, Catia Piccolo Viero; MACIEL, Patrícia Gusmão. Inteligência artificial e construção da autoria: disputas discursivas na era algorítmica. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 33, e20333, 2025.

GOMES, E. P. M. Decolonialidade epistemológica em tempos de monotecnologização da vida: uma tarefa ao pensar. **Revista Linguagem em Foco**, v. 14, n. 2, p. 163–180, 2022.

GOMES, E. P. M.; SILVA, R. C. da. A ciência linguística nas dinâmicas do capitalismo digital: uma análise sociotécnica da Linguística no desenvolvimento do Projeto Cibernético. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 15, n. 3, p. 26–58, 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution**: how the infosphere is reshaping human reality. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015, 136 p.

HISSA, D. L. A. A leitura plataformizada na mídia digital: da sobrecarga informacional à perda do pensamento crítico. **Revista da ABRALIN**, p. 304-331, 2024.

HISSA, D. L. A. Desmediatização, Infodemia e fake news na cultura digital. **Scripta**, v. 25, n. 54, p. 40-67, 2021.

HISSA, D. L. A.; GOMES, E. P. M. IA e curadoria algorítmica em plataformas de mídia digital: o fim de performatividade discursiva? **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 18, e1853, 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. **Posthumanist applied linguistics**. London: Routledge, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 2020.

SOUZA-SILVA, Everton Henrique; PEREIRA, Sônia Virginia Martins. Na interação com o ChatGPT: uma conversa sobre letramentos acadêmicos. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 18, e1861, 2024.

Marisa CLEFF

Doutoranda e Mestra em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Letras – Português, Inglês e Espanhol – pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) e especialista em Ciências de Dados e Inteligência Artificial pela UNINTER. Atua na Educação Básica na Escola Estadual Juvenal Miller, com foco no ensino de língua inglesa e na integração crítica de tecnologias digitais. Sua pesquisa de Mestrado fundamentou-se na perspectiva da Educação OnLIFE, analisando as crenças docentes frente às tecnologias digitais. No Doutorado, investiga a interdisciplinaridade no ensino de língua inglesa a partir dos Temas Contemporâneos Transversais, com foco nos percursos formativos dos estudantes em Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Ariadne da Cruz SOARES

Doutoranda e Mestra em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Letras-Português (FURG) e pós-graduanda em Supervisão Escolar (Faculdade São Luís). Atua como Professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual do RS, onde coordena o “Projeto Juvêncio Le(ndo)” na E.E.E.F. Cel. Juvêncio Lemos, unindo gêneros discursivos e escrita criativa sob uma perspectiva interacionista. Sua pesquisa de mestrado, fundamentada no Círculo de Bakhtin, analisou o impacto dos contratos temporários na práxis docente. Atualmente, investiga a Plataformização da Educação, o Capitalismo de Vigilância, o Neoliberalismo e as implicações da Inteligência Artificial Generativa no contexto educacional.

Recebido em: 19. jan.2026

Aprovado em: 22.fev.2026